

MENINOS E MENINAS: A CONSTRUÇÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO NO COLÉGIO AGRÍCOLA ESTADUAL AUGUSTO RIBAS ENTRE 1967 E 2002

Boys and girls: the construction of gender roles in Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas between 1967 and 2002

Niños y niñas: la construcción de los roles en el Colegio Agrícola Estadual Augusto Ribas entre 1967 and 2002

Vinicius Cabralⁱ
Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesarⁱⁱ
Mayã Polo de Camposⁱⁱⁱ
Joseli Maria Silva^{iv}
Márcio José Ornat^v
Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil

RESUMO

O Presente trabalho analisa a relação entre a espacialidade do Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas (CAAR) e a construção dos papéis de gênero, através dos cursos de Economia Doméstica Rural e Técnico em Agropecuária. As análises realizadas sobre os resultados do levantamento de campo evidenciam que a espacialidade do CAAR coloca-se enquanto uma possibilidade de experimentação de técnicas e ferramentas que remetem as espacialidades do privado/público, relacionadas a esperas de comportamentos sociais referentes a meninos e meninas, segundo a construção cotidiana dos papéis de gênero.

Palavras-chave: Ponta Grossa; Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas; gênero; Geografia.

ABSTRACT

This paper examines the relationship between the spatiality of the Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas (CAAR) and the construction of gender roles through the courses rural home economics and technician in farming. The analyzes performed about the results of the field survey evidenced that the spatiality of the CAAR arises as a possibility of experimentation of techniques and tools that refer the spatialities of private / public, expect from social behaviors related for boys and girls, according the daily construction of gender roles.

Keywords: Ponta Grossa; Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas; gender, Geography.

RESUMEN

El presente trabajo examina la relación entre la espacialidad de Colegio Agrícola Estadual Augusto Ribas (CAAR), y la construcción de los roles de género a través de los cursos de economía doméstica rural y un técnico en la agricultura. Los análisis realizados sobre los resultados de la encuesta muestran que el campo de la espacialidad del CAAR surge como una oportunidad para experimentar con técnicas y herramientas que se refieren las espacialidades de privado / público, espera de comportamientos sociales relacionados para niños y niñas, de acuerdo la construcción cotidiana de los roles de género.

Palabras clave: Ponta Grossa; Colegio Agrícola Estadual Augusto Ribas, género, Geografía.

INTRODUÇÃO

Ninguém nasce mulher (ou homem)¹: torna-se mulher (ou homem)². Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAVOIR, 1967, p.8).

A presente reflexão é resultado de um trabalho de iniciação científica desenvolvido através do Grupo de Estudos Territoriais em conjunto com a disciplina de Prática de Campo III do curso de Geografia, da Universidade

Estadual de Ponta Grossa - Paraná, tendo por objetivo compreender a relação entre a espacialidade do Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas³ (CAAR), localizado na cidade de Ponta Grossa - Paraná e a construção dos papéis de gênero, através dos cursos de Economia Doméstica Rural e Técnico em Agropecuária.

Para isto, foram realizadas quatro entrevistas⁴ com funcionários do CAAR que experienciaram como discentes e/ou docentes os cursos de Economia Doméstica Rural ou

Técnico em Agropecuária, entre os anos de 1967 e 2002, e atualmente são funcionários do Colégio. A entrevista teve por objetivo compreender a relação entre a construção dos papéis de gênero e os cursos ofertados pelo CAAR, e deste foi produzido duas horas de entrevistas concedidas aos preponentes da reflexão.

Para tanto, a presente discussão está estruturado em três momentos. No primeiro momento tratamos sobre o processo histórico, as construções dos papéis de gênero na espacialidade do CAAR e a ausência de discussões da produção científica sobre o mesmo. No segundo momento construímos uma discussão sobre a configuração do espaço “público e privado” no CAAR, concluindo com tratamos sobre o curso de economia doméstica rural enquanto uma esfera de interação, múltipla e aberta.

A CONSTRUÇÃO DA ESPECIALIDADE DO CAAR E SUA RELAÇÃO INICIAL COM OS PAPÉIS DE GÊNERO

A construção da espacialidade conhecida atualmente como Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas foi concebida inicialmente em meados de 1937, através do Governador do Estado do Paraná, Manoel Ribas. Sendo assim, fundou-se a chamada Escola de Trabalhadores Rurais, espacialidade que futuramente tornou-se a Escola Agrotécnica Augusto Ribas em 1960. No ano de 1962 passou a chamar-se Colégio Agrícola Augusto Ribas, sofrendo em 1963 sua última mudança de nome, passando a ser conhecido como Colégio Agrícola Estadual

Augusto Ribas, a partir de 1980. Após a publicação da Lei n.º 7.307, o Colégio passou a ser administrado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG.

Desde a criação do Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas (CAAR) até os dias atuais foram ofertados vários cursos técnicos, como Técnico em Agricultura e Técnico em Zootecnia em 1960, o curso de Economia Doméstica Rural em 1967, o curso de Técnico Florestal em 1969. Atualmente o Colégio oferta apenas o curso de Técnico em Agropecuária.

A partir da criação da instituição em 1937 até o presente momento a espacialidade do CAAR não fora colocado enquanto um tema de investigação de interesse dos cientistas⁵. Em pesquisa realizada no Banco de Teses de Capes⁶, com a palavra-chave “Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas” apenas um trabalho⁷ foi desenvolvido (na área de educação, concluído em 2009).

Assim, o presente artigo propõe-se a contribuir no preenchimento das lacunas da investigação científica, em especial para a Ciência Geográfica, através da produção de inteligibilidade da espacialidade do CAAR, enquanto uma possibilidade de profissionalização entre os anos de 1967 a 2002, através dos cursos de Economia Doméstica Rural e Técnico em Agropecuária, cujas técnicas e ferramentas remetiam / remetem aos papéis de gênero masculino e feminino.

Embasada nas ideias de igualdade de gênero, a Geografia Feminista origina-se a partir da segunda onda do próprio movimento feminista. A partir da década de 60, como

apontado por Silva (2009), as geógrafas inglesas e norte americanas começaram a contextualizar as discussões de gênero na ciência geográfica, com o objetivo de construir igualdade entre homens e mulheres no âmbito da disciplina, centrar as investigações geográficas sobre mulheres e desafiar as filosofias, conceitos e metodologias que sustentavam a hegemonia da Geografia masculina.

É partir da década de 80 que o movimento da segunda onda feminista começa a ser questionado por mulheres negras do Terceiro mundo, pois como visto por Silva (2009) essas mulheres não se sentiam representadas dentro da Geografia Feminista. Isso se deve a afirmação de que a produção de inteligibilidade relacionada aos fenômenos genderificados acontecia no contexto da globalização, segundo o ponto de vista branco e heterossexual. As mulheres de terceiro mundo criticaram e contribuíram muito para o desenvolvimento epistemológico da Geografia Feminista, pois não estavam contempladas, uma vez que a etnia, a raça e a sexualidade hegemônica sufocavam outras formas de orientação sexual e existência étnica e racial.

É neste sentido que as reflexões da geógrafa feminista Massey (2008) se fazem pertinentes ao fenômeno das construções dos papéis de gênero no CAAR, pois esta sugere três proposições acerca do espaço, que se fazem de grande contribuição para o presente artigo. Estas três referem-se ao fato de que o espaço é *construído através de inter-relações*, coexistindo em uma *esfera de possibilidades* e estando em uma *construção contínua*.

É necessário além da conceituação de espaço geográfico a problematização do espaço escolar e as relações que através dele coexistem. A proposta de Junckes e Silva (2009) é de que o espaço escolar é experienciado diariamente, e neste sentido as praticas vivenciadas acabam que por se converter em aprendizado, pois a educação transcende as fronteiras do conhecimento tecnocrático. Neste sentido Corrêa (2007) defende que a sociedade cria o espaço geográfico, para nele se realizar e reproduzir.

O desvendar da espacialidade do Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas, através das falas de quatro entrevistad@s, sendo três mulheres Sekhmet⁸, Bast⁹, Isis¹⁰ e um homem Osíris¹¹, os quais experienciaram as atividades dos respectivos cursos que fizeram e hoje são funcionários do CAAR, corroboram com as teorias propostas anteriormente. Esta “experiencia”, “aprendizado”, “realizar” e “reproduzir” é evidente quando percebemos que os cursos de Agropecuária e de Economia Doméstica possuíam uma clientela própria que remetia as identidades de gênero masculina e feminina, principalmente desde a criação dos cursos até aproximadamente o ano de 1991.

Assim, compreendemos as identidades de gênero através das ideias de Butler (2003), definindo o gênero como sendo:

a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (BUTLER. 2003, p. 59)

Por fim, é através destes atos repetidos que o gênero é naturalizado, criando-se assim uma “norma” dividida entre “masculino” e “feminino”, sendo uma das formas através das quais a sociedade se realiza e se reproduz, através do espaço geográfico.

Podemos visualizar a “norma” naturalizada refletindo nos cursos de Economia Doméstica Rural e Técnico em Agropecuária, pois até os anos 1991 as meninas apenas tinham como possibilidade um curso técnico que fosse ofertado pelo CAAR, o de Economia Doméstica Rural. Após 1991 este quadro começou a mudar e algumas meninas puderam realizar o curso de Técnico em Agropecuária. Como é possível ver na fala de Sekhmet, quando perguntamos “*se o curso de agropecuária entravam muitas meninas*”, Sekhmet responde:

naquele tempo era só homem, agora hoje em dia... acho que a partir de 1991, que começou a entrar meninas ... não tenho certeza, mas se não me engano em 1991 que começou a ter meninas em agropecuária. (Entrevista realizada com Sekhmet, no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas no dia 05 de Agosto de 2011.)

Nos relatos de todos os quatro depoentes evidencia-se que apenas uma pessoa do sexo masculino procurou o curso de economia doméstica, em todos os 35 anos que o curso esteve operante. Contudo, o mesmo desistiu nas primeiras semanas. Como é possível ver na fala de Sekhmet, quando perguntamos “*se o curso de economia doméstica era mais para mulheres*”, temos a seguinte consideração:

Na época era, apesar de que teve um ano que entrou um moço, mas daí não aguentou, ele achou assim muito (...) só ficava no meio das mulheres, que hoje em dia acho que não teria mais problemas, faria tranquilo ... (Entrevista realizada com Sekhmet, no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas no dia 05 de Agosto de 2011.)

Estas falas paradigmática, em conjunto com as ideias de Junckes e Silva (2009), Butler (2003) e Corrêa (2007), torna possível a relação de que inicialmente os dois cursos distintos em si, por possuíam matérias específicas, tinham uma clientela própria, ou seja, no curso de Economia Doméstica Rural apenas entravam meninas. Em contrapartida, no curso Técnico em Agropecuária entravam muitos meninos e poucas meninas. Eis aí a forma naturalizada sobre o gênero se realizando e se reproduzindo através das espacialidades distintas dos cursos de Economia Doméstica Rural e Técnico em Agropecuária.

UMA DISCUSSÃO SOBRE O ESPAÇO PÚBLICO/PRIVADO E COMO ESTES CONFIGURAM AS ESPACIALIDADES

Os papéis de gênero eram “experenciados” por meio do conjunto de técnica e ferramentas que remetem a diferentes espacialidades, ou seja, o curso de Agropecuária possuía técnicas e ferramentas que remetem a espacialidade do público. Em contrapartida, o conjunto de técnicas e ferramentas apreendidos através da experiência do curso de Economia Doméstica Rural remetia a espacialidade do privado.

A discussão da temática referente ao “espaço público” e “espaço privado” presentes na obra de Gomes (2002) aponta que as relações

diretas com a vida pública para existir requer a co-presença de indivíduos. Mesmo que para o autor o espaço público tenha perdido seu discurso político, ainda tem uma formalidade social, configurando-se a partir da divisão territorial de práticas sociais, configurando-se o espaço a partir das mais distintas regras, classificando e hierarquizando as espacialidades. É neste sentido que os cursos ofertados pelo CAAR estavam estruturados em uma política diferencial relacionada ao gênero e que remetia nas divisões espaciais de práticas sociais.

Outra possibilidade sobre a reflexão “público” e “privado” é visualizada em Przybysz (2011) quando esta aponta que:

Observar o espaço privado como *privacidade, como proteção do íntimo remete-se também a uma dicotomização entre as esferas*¹² pois, como o surgimento do espaço público se dá a partir da decadência da família, olhar o espaço privado como um lugar onde não pode-se ser visto – privativo – retoma o sentido de separação entre as duas esferas. (PRZYBYSZ, 2011, p. 6)

Assim, o conceito de espaço público e privado, através da “privação/proteção do íntimo”, remete a espacialidades que também irão remeter aos corpos. As discussões relacionadas aos corpos podem ser visualizadas na proposta de Louro (2004), quando esta afirma que:

Entre tantas marcas, ao longo dos séculos, a maioria das sociedades vem estabelecendo a divisão masculino/feminino como uma divisão primordial. Uma divisão usualmente compreendida como primeira,

originária ou essencial e, quase sempre, relacionada ao corpo. (LOURO, 2004, p.76)

Desta forma, a proteção do íntimo enquanto elemento espacial (PRZYBYSZ, 2011) está relacionada a dualidade dos corpos, bem como aos cursos ofertados pelo CAAR. Temos que o curso de Economia Doméstica Rural servia para os corpos femininos, que na história do ocidente estiveram ligados a espacialidade do privado. Neste sentido, o curso de Técnico em Agropecuária servia em sua grande parte aos corpos masculinos que estão ligados a espacialidade do público.

Outra explanação importante a cerca dos cursos abordados se referem as disciplinas ofertadas que tornava possível o aprendizado e o domínio de técnicas específicas que remetiam as espacialidades do “público” e “privado”. Como evidencia-se nas falas de Sekhmet e de Isis, no tocante “as disciplinas aprendidas no curso de economia doméstica”:

Era, enfermagem, puericultura, nutrição, então são várias matérias que se relacionava na parte de Economia Doméstica. Mas eu como fui uma das primeiras formadas em Economia Doméstica, em 69, até pro campo a gente ia, sabe? Participar de carpir, então em oficinas, a gente fazia tabuinha de carne, a gente fazia uma série de coisas, que também era, que os meninos também faziam, mas como nós fomos as primeiras... Agora nós tivemos bordado, tricô, costura, então era uma série de... então pra mulher, era um curso excelente. (Entrevista realizada com Sekhmet, no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas no dia 05 de Agosto de 2011.)

(...) no curso tinha é, nutrição dietética, tinha preparo de alimentos, tinha

higiene, tinha enfermagem, crochê, artes, tinha administração, tinha pintura, bordado. (Entrevista realizada com Isis, no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas no dia 05 de Agosto de 2011.)

A fala de Sekhmet nos revela também “*como eram as disciplinas ofertadas aos alunos do curso de Técnico em Agropecuária*”:

Era, Campo, mecanização, horticultura, fruticultura, tem um tempo que também teve curva de nível, topografia, era pouca diferença, claro era bastante diferente, mas a grade em si era a mesma em número de matérias. (Entrevista realizada com Sekhmet, no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas no dia 05 de Agosto de 2011.)

Neste sentido, os trechos vistos acima referentes as falas dos entrevistados desta pesquisa torna possível observar a forma com que “as técnicas e ferramentas” eram aprendidas e como isto era diferenciado entre corpos masculinos e corpos femininos.

Através das experiências com as ferramentas e técnicas aprendidas no curso de Economia Doméstica as alunas tinham várias possibilidades em transformar os conhecimentos adquiridos no curso em possibilidades de atuação, que variavam desde empresas até a gestão do próprio lar como podemos ver nas falas de Isis, Osíris e Sekhmet:

Poderia trabalhar em cooperativa, trabalhar na EMATER¹³, em restaurante, pra elaborar cardápio, cardápio em hospital, por que no curso tinha é, nutrição dietética, tinha preparo de alimentos, tinha higiene, tinha enfermagem, crochê, artes, tinha administração, tinha pintura, bordado. (Entrevista realizada com Isis,

no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas no dia 05 de Agosto de 2011.)

(...) vamos falar em que áreas elas atuavam, (...)... tanto em hospitais, quanto na EMATER na assistência técnica, trabalhava com as mulheres nas comunidades do campo, sabe orientação de horta, eles tinham horta; de puericultura, que é trabalhar com neném, como é que se cuida com neném, amamentação, (...) higienização, faziam estágio em hospitais, era bem interessante, tanto nesta área de hospital como assistência técnica nas empresas, né, a EMATER contratava muitas técnicas em Economia Doméstica pra fazer este trabalho nas comunidades, iá lá o veterinário, o agrônomo, e o técnico, fazia um trabalho na comunidade com a parte dos homens que interessavam a agricultura, e a técnica em Economia Doméstica ia lá pra trabalhar com as mulheres e as crianças no geral. (Entrevista realizada com Osíris, no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas no dia 05 de Agosto de 2011.)

Principalmente pra aquelas que só ficavam casadas, não saiam fora de casa pra ir trabalhar, entende? Então ela sabia cozinhar, ela sabia fazer tricô, ela sabia limpar uma casa, ela sabia fazer uma horta, né? (Entrevista realizada com Sekhmet, no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas no dia 05 de Agosto de 2011.)

Nos três trechos vistos acima podemos observar de forma clara e exemplificada, a forma com que “as técnicas e ferramentas” eram usadas na produção e realizações de tarefas. Isto era diferenciado entre corpos masculinos e corpos femininos, pois como salientado na fala de Osíris,

“iá lá o veterinário, o agrônomo, e o técnico¹⁴, fazia um trabalho na comunidade com a parte dos homens

que interessavam a agricultura, e a técnica em economia doméstica ia lá pra trabalhar com as mulheres e as crianças no geral". (Entrevista realizada com Osiris, no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas no dia 05 de Agosto de 2011.)

Estas atividades, através das ferramentas e técnicas, estavam então associadas as espacialidades públicas (homem - Técnico em Agropecuária) e as espacialidades privadas (mulher - Técnica em Economia Doméstica).

O curso de Economia Doméstica rural foi encerrado em 2002. Segundo Bast isto ocorreu devido ao imaginário da clientela à que se era ofertado o curso. Assim, os diálogos de Massey (2008) com Spinoza fazem sentido para esta reflexão, pois para esses a imaginação envolve outros corpos, ao mesmo tempo que os nossos. Isto evidencia-se na fala de Bast, em que esta se manifesta sobre o termino do curso em 2002, bem como sobre o imaginário da "clientela" do curso,

Foi uma pena que acabou, só que pra continuar este curso, ele teria que ter sido modificado porque tinha muita coisa nele (...) o próprio nome que eu falei, "Economia Doméstica", se bem que existem reportagens hoje em dia que fala muito em Economia Doméstica que é um termo (...) que não se perde, é muito usual, só que pra adolescente fica difícil, né (...) *imagine a menina, fazendo Economia Doméstica, vão pensar que eu to estudando para ser emprega doméstica*¹⁵, e não é, hoje em dia isto tá voltando porque teve uma fase que "Economia Doméstica", (...) não queriam este nome, só que agora você veja tem até empresas que fazem com que as moças aprendam tudo exatamente como era o curso de Economia Doméstica, a lidar com criança, arrumar uma casa, para fazer

tudo certinho pra trabalhar, que paga o que for, o que tiver que pagar, contanto que seja uma pessoa eficiente, que faça estas coisas, porque o marido trabalha, a mulher trabalha, daí quem é que vai cuidar, uma outra pessoa (...) (Entrevista realizada com Bast, no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas no dia 05 de Agosto de 2011.)

Ao evidenciarmos a noção do imaginário da "clientela" do curso de Economia Doméstica Rural sobre o mesmo, associado a baixa procura do curso e como consequência o encerramento do mesmo em 2002, corroboramos com as proposições acerca do espaço de Massey (2008), sendo este "construído através de inter-relações", coexistindo em uma "esfera de possibilidades" e estando em uma "construção contínua".

O CURSO DE ECONOMIA DOMÉSTICA RURAL ENQUANTO UMA ESFERA DE INTERAÇÃO, MÚLTIPLA E ABERTA

219

Tomando a primeira proposição como ponto de partida, pois este é "construído através de inter-relações", o curso de Economia Doméstica Rural, ofertado pelo CAAR, era realizado por funcionários na relação com as alunas, ou seja, o curso possuía espacialidades próprias, bem como técnicas e ferramentas que remetiam as espacialidades privadas. Também estas relações se faziam através da convivência dos funcionários (professores, equipe pedagógica entre outros), criando espacialidades de experiência do "ser mulher". A segunda proposta relaciona-se ao fato de que esta espacialidade de experiências também é a "esfera de possibilidades", pois diferentes meninas bem como funcionárias acabavam

vindo de diferentes espacialidades, (em suas várias escalas: desde um bairro próximo ao CAAR até de outras cidades), cada qual com uma experiência única de vida, constituída por seus valores culturais, seus desejos e temores, passando a proferir um discurso sobre o que é “ser mulher”. No tocante ao debate relacionado ao “discurso”, Duncan (1990) propõe que os:

Discursos então podem ser definidos como a estrutura social de inteligibilidade no qual todas as práticas são comunicadas, negociadas, ou contestadas. Estes discursos são recursos para que, assim como restrições ou limites dentro dos quais determinadas formas de pensar e agir parecem naturais e para além do qual a maioria dos que aprenderam a pensar dentro do discurso não pode facilmente desviar. (tradução dos autores)¹⁶ (DUNCAN, 1990, p.16)

O espaço construído através de inter - relações, assim como a esfera de possibilidades, pode ser visto na frase paradigmática de Bast:

As meninas muitas delas vem pra cá, “bobinhas”, (...) de cidades pequenas, e saiam daqui mestre, doutoras ... em artes (risos), ... então a gente sentia, eu sempre senti muita dó, desta distância de casa por mais que aqui no Colégio, eu era uma delas, nas aulas, pois veja numa aula de bordado a gente sentava e ficava a tarde inteirinha conversando, então eu sempre conversava muito, muito com elas sobre muito, dava muita abertura para sabe todo o tipo de conversa, nossa que elas adoram e muito conselho sempre, porque eu já tinha minhas filhas (...) então você com o tempo, você passa a tratar como os filhos, (...) colocar juízo na cabeça da meninada que adolescente é fogo ... (Entrevista realizada com Bast, no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas no dia 05 de Agosto de 2011.)

Finalmente, o pensamento sobre o “espaço enquanto uma construção contínua” corresponde aos elementos propostos nas falas de nossos entrevistados, produzindo duas formas de “construção contínua”. Uma delas refere-se a mudanças de agentes (funcionários), porém com uma continuidade nas intenções, pois estes eram formados pelos mesmos curso ofertados ali, e que futuramente também dar-lhe-iam aulas ali. A outra possibilidade relaciona-se a “nova” possibilidade de inserção das meninas no curso de Técnico em Agropecuária, que antes se encontrava restrito apenas aos meninos, e que a partir de 1991 começa a ter uma pequena clientela de meninas. Segundo as informações coletadas em campo, as meninas correspondem hoje a mais de um terço dos meninos. Podemos visualizar desta forma estas duas possibilidades do espaço em construção, nas falas de Bast e Osiris:

220

(...) e agente tem uma amizade muito grande aqui, a Isis foi minha aluna aqui quando eu entrei aqui, sabe quando eu entrei aqui em 78 ela tava se formando, ela tava no terceiro ano, daí depois ela começou a trabalhar aqui, se formou dali um tempinho, (...) não sei quando já começou a trabalhar aqui (Entrevista realizada com Bast, no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas no dia 05 de Agosto de 2011.)

Eram mais meninos, hoje são mais, (...) mais não, hoje uma boa parte, acho que 40%, 35% são meninas tem muita menina que procura o curso de Técnico em Agropecuária (...) (Entrevista realizada com Osiris, no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas no dia 05 de Agosto de 2011.)

O curso de Economia Doméstica Rural, ofertado pelo CAAR, embora tenha sido encerrado em 2002, aparece para os entrevistados como uma forma de possibilidade de autonomia sobre as decisões profissionais para os corpos femininos que não quisessem fazer parte da sociedade que naturalizou as espacialidades entre público (homem) e privado (mulher).

Desta forma, os corpos femininos, embora apreendessem sobre as técnicas e ferramentas que remetem ao privado, como costura, nutrição, puericultura, entre outros, poderiam buscar possibilidades de emprego no espaço público ou assumir a gerência no espaço privado.

CONCLUSÃO

Esta discussão evidencia a relação entre a espacialidade do Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas e a constituição dos papéis de gênero, através dos cursos de Economia Doméstica Rural e Técnico em Agropecuária. As clientelas de cada curso estavam relacionadas aos corpos e a função social dos cursos, através do espaço. Desta forma, a estrutura do curso de Economia Doméstica Rural remetia às espacialidades do privado. Por outra direção, a estrutura do curso de Técnico em Agropecuária estava relacionada a técnicas e ferramentas que remetiam ao espaço público.

As espacialidades onde eram desenvolvidas o curso de Economia Doméstica Rural aparecem enquanto uma esfera de interação entre as clientes do curso, funcionários e professores. Ao mesmo tempo, esta espacialidade também é

múltipla, pois a mais variada possibilidade de construção social dos indivíduos coabitava e experienciava o curso. Paralelamente, sempre evidenciando-se aberta, seja através da mudança de escolha das meninas, do curso de Economia Doméstica Rural para o de Técnico em Agropecuária, ou sendo concebido como uma construção contínua através do tempo, do espaço e dos múltiplos agentes, como funcionários e docentes, que fizeram parte do curso.

NOTAS

ⁱ Geógrafo; Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).
E-mail: vinicius.cabral.1991@gmail.com

ⁱⁱ Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).
E-mail: tamyitape@gmail.com

ⁱⁱⁱ Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).
E-mail: mayazinha.campos@gmail.com

^{iv} Geógrafa; Pós-doutora em Geografia e Gênero na Universidade Complutense de Madrid; Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
E-mail: joseli.genero@gmail.com

^v Geógrafo; Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);

Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

E-mail: geogenero@gmail.com

¹ Não consta no original

² Idem.

³ O Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas, situa-se na cidade de Ponta Grossa no Estado do Paraná. A cidade de Ponta Grossa, segundo o último censo do IBGE, possui 311.611 habitantes.

⁴ Ver apêndice 1.

⁵ Estes temas de “interesse” para pesquisas poderiam envolver os fenômenos e objetos que permeiam e estruturam o CAAR, alguns como “cursos ofertados”, “disposição espacial dos alojamentos”, “controle do corpo”, “processos históricos”, “representações sociais” entre outras temáticas que poderiam ter sido questionadas acerca do CAAR.

⁶ Verificado no Banco de Teses da Capes, através do campo assunto utilizando as palavras-chave “Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas” e selecionando “todas as palavras” no dia 31 de março de 2012 às 22:51.

⁷ LARA, Marilis de. *Ensino Técnico Agrícola: Como Alunos e Professores Caracterizam a Relação Teoria-Prática?* Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba – PR, 2009.

⁸ O nome verdadeiro será escondido para proteger a identidade da depoente, e assim a rebatizamos como Sekhmet, a Deusa egípcia da guerra. A tradução do nome de Sekhmet, significa “A Poderosa”. Sekhmet foi aluna da primeira turma de economia doméstica, e foi contratada pelo CAAR no ano de 1970 atuando como professora do curso de economia doméstica, atualmente desempenha a função de orientadora educacional.

⁹ Bast, a Deusa egípcia da fertilidade e a protetora das mulheres grávidas. Bast, foi contratada pelo CAAR no ano de 1978, onde desempenhou a função de professora do curso de economia doméstica, atualmente ela desempenha função de chefe do setor de alimentação do CAAR.

¹⁰ Isis, a Deusa egípcia da prosperidade. Isis era cultuada como a modelo de mulher e a esposa ideal. Isis foi contratada pelo CAAR em 1981, onde desempenhou a função de professora do curso de economia doméstica, atualmente ela desempenha a função de orientadora educacional.

¹¹ Osíris, o Deus egípcio do juízo. Osíris, formado em técnico em agropecuária foi contratado pelo CAAR no ano de 1981, onde desempenhou funções técnicas e após formar-se no curso de história desempenhou a função de professor da disciplina para os cursos de economia doméstica técnico em agropecuária. Atualmente é o diretor do CAAR.

¹² Grifo Nosso.

¹³ Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural

¹⁴ Alusão ao técnico em agropecuária.

¹⁵ Grifo nosso.

¹⁶ “Discourses then can be defined as the social framework of intelligibility within which all practices are communicated, negotiated, or challenged. These discourses are both enabling resources as well as constraints or limits within which certain ways of thinking and acting seem natural and beyond which most who have learned to think within the discourse can not easily stray.” (DUNCAN, 1990, p.16)

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo, volume II: a experiência vivida*. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1967.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Danilo Cesar. *Quais são os principais deuses egípcios?* Disponível em <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quais-sa771o-os-principais-deuses-egi769pcios>>. Acessado em 07 maio 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e organização espacial*. 8 ed. São Paulo: Ática, Brasil, 2007.

DUNCAN, James S. *The city as text: the politics of landscape interpretation in the Kandyian kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *A Condição Urbana: ensaios de geopolítica na cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Histórico do Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas. Disponível em <<http://www.uepg.br/caar/historico.htm>>, Acesso em 07 maio 2012.

JUNCKES, Ivan : SILVA. Joseli Maria. “Espaço Escolar e Diversidade Sexual: Um desafio às Políticas Educacionais no Brasil”, *Revista de Didáticas Específicas*, n. 1, pp.148-166, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MASSEY, Dorren B. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PRZYBYSZ, Juliana. “O Espaço Público / Privado e Dissoluções Conjugais: algumas considerações” In: IX ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, ANAIS..., Goiânia, 2011.

SILVA, Joseli Maria (Org). *Geografias Subversivas: Discurso sobre espaço e gênero e sexualidade*. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.

Apêndice 01 – Roteiro de Entrevista Semi Estruturado.

Nome do entrevistado.

Trabalha no Colégio Agrícola desde?

Qual é a sua ocupação no CAAR-PG?

1. Como funcionava o curso de economia doméstica?

2. E o de técnico em agropecuária?

1. O público do curso de economia doméstica eram os meninos ou meninas? Por quê?

2. E o público do curso de e técnico em agropecuária eram meninos ou meninas? Por quê?